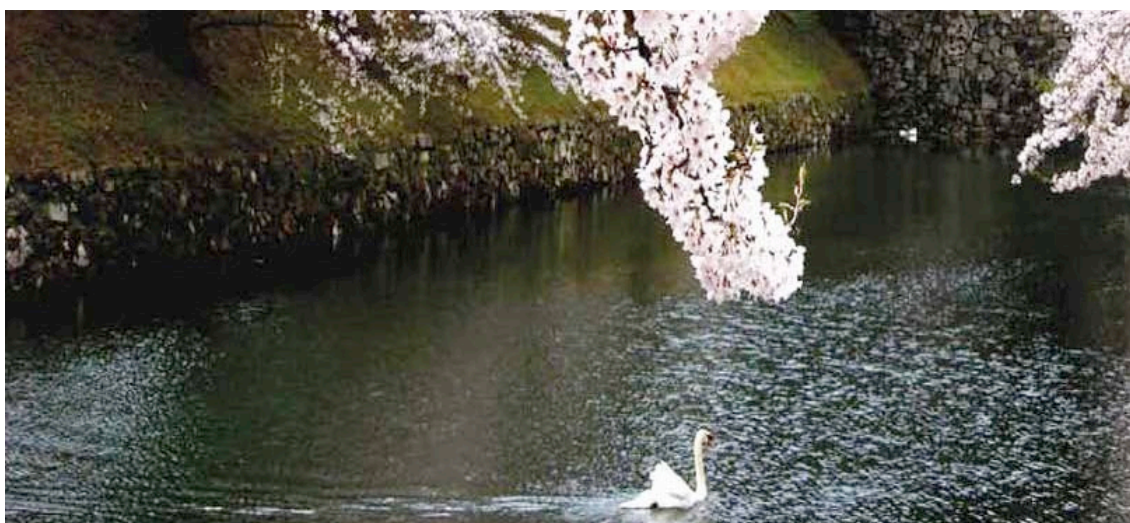


NO ESPIRITO DE ASSIS, A BELEZA DO DIÁLOGO, A BELEZA DO CASAL



Acontecem daqueles dias em que, olhando à nossa volta, se tem a sensação de estar dentro de um momento perfeito onde a luz, os edifícios, o ar e as pessoas que nos são próximas são testemunhas inconscientes de qualquer coisa de tão belo que não conseguimos facilmente descrever. São momentos em que se pergunta: **qual é a medida da felicidade? Como poderá o meu coração, assim pequeno, contê-la toda?** Se depois, vemos uma criança sorridente ou um casal que caminha de mão dada, compreendemos que existem gestos que contam, melhor do que muitas palavras, o quanto a vida possa ser bela. Se a palavra amor não fosse adulterada, conseguiríamos dar um rosto, uma forma e um respiro àquela sensação que dura apenas um momento.

Mas existem na vida, experiências que nos ajudam a encontrar aquele tipo de felicidade? A vida de casal pode ser uma destas. Falámos disto com o professor **José Noriega**, vice- presidente do Pontifício Instituto João Paulo II, em Roma.

O clima é de imediato, familiar: dom José, rindo, recomenda-nos que corrijamos o seu itanholo (italiano+espanhol) na entrevista.

Quando, aos dezanove anos entrei para o seminário - conta - devorei o livro “*Amor e responsabilidade*”, de *Karol Wojtyla* e percebi que a prova da existência de Deus é a

sexualidade humana: uma realidade assim tão rica e complexa, que toca a parte fisiológica e a espiritual do homem, não pode ser fruto da evolução.

Depois, quando em 1994, já sacerdote, fui enviado a estudar para o Instituto João Paulo II, abriu-se-me um horizonte novo sobre a ideia de casal. Aqui, de facto, aprendi que a tarefa de um sacerdote é a de recordar a beleza da vocação ao amor e de ajudar aqueles que se amam a “olhar as estrelas”.

Msa - *Don Noriega, o senhor, como sacerdote, pode explicar-nos em que é que consiste a beleza na relação de um casal?*

Noriega - A beleza está estreitamente ligada a qualquer coisa de maior do que nós. Se a vida fosse à medida das nossas mãos, seria demasiado pequena e muito “nossa”. A beleza é um chamamento, um toque no coração que nos diz: foste criado para algo de grande, a vida é maior do que tu!

Quando nos admiramos diante de um belo pôr-do-sol, intuímos a dimensão divina da criação. Do mesmo modo, quando nos admiramos com a beleza de quem amamos, compreendemos que ela não se reduz apenas, a uma questão estética, mas ao modo de ser e de se exprimir, aos gestos daquela pessoa, que contam como nos acolhe e qual o lugar que ocupamos no seu coração.

João Paulo II defendia que quando um homem diz a uma mulher “Amo-te”, é como se o próprio Deus dissesse: “Amo-te” à sua criatura. Eis então, que na beleza do amado podemos compreender como é que Deus nos vê, como é que nos acompanha, o que é que faz por nos. O próprio *Papa Bento XVI* no seu discurso aos artistas colocou em evidência o facto que a beleza é a possibilidade de transcender. Portanto, permanecendo na dimensão de casal, podemos dizer que a beleza do outro é a possibilidade que nos é dada para sair de nós mesmos e ir mais além.

A propósito de arte: podemos dizer que somos obras de arte para a pessoa que amamos?

Este é o ponto mais delicado da questão. Explico-me com um exemplo: muitos, escutando uma sinfonia de Beethoven, pensam que nunca conseguirão realizar uma coisa assim tão bela. Mas enganam-se, porque – e esta é a revolução - no casal eu posso tornar-me um artista e tornar bela a vida de alguém. Posso tornar-me protagonista na minha vida porque tive uma intuição a respeito de qualquer coisa que agora não existe, mas que se pode realizar numa forma mais bela precisamente, através de mim.

Porque é que sem beleza não podemos viver?

Porque a beleza é o chamamento da felicidade que sou chamado a construir. A palavra “felicidade”, todavia, cria um certo circuito nas pessoas que frequentemente distorcem o seu significado mais profundo. Felicidade não é sentir-se à vontade, ou satisfazer os próprios desejos; é plenitude de vida.

Então, o que é que torna bela e plena a minha vida?

A minha vida torna-se bela se eu torno belos os outros. No caso do casal, se actuo até que a pessoa que amo possa adquirir aquela plenitude de vida que ela mesma despertou em mim, através do amor.

É este o momento em que nos tornamos, num certo sentido, artistas.

Em que medida é que podemos tornar-nos escultores da beleza do outro?

Tudo se joga dentro do conceito de amizade.

A maior amizade, íntima e intensa, é a que existe entre marido e mulher. Muitas pessoas compreendem que no fim de contas, aquilo que são devem-no ao outro que fez despertar o génio, o santo, o herói que se escondia dentro deles.

No casal, a beleza é ainda toda para construir. Por vezes, porém, acontece - talvez sem plena consciência - que um trabalhe para dismantelar a potencial beleza do outro.

Analisaria também este aspecto sob um ponto de vista positivo. O que é que se esconde por detrás da pequena ou grande mesquinhez na relação de um casal, se não o desejo de alguma coisa de grande que não sabemos como realizar? Eis porque é que se procuram escapatórias!

Pois bem, também neste desejo que tomou uma direcção errada, existe uma grande intuição. Tal consciência permite-me dizer, mesmo a quem viveu uma experiência de falhanço do próprio amor: “Sabia que procuravas algo de belo, mas não viste e, se calhar, nem sequer quiseste perceber a grandeza do teu desejo. Não desejaste plenamente a beleza e a grandeza que procuravas”. Contudo, existe também quem não procura mais a beleza, ou não deseja despertá-la dentro de si, e por fim, contenta-se.

A *emoção* é a chama necessária para manifestar aquela qualquer coisa de grande que está acontecendo na minha vida.

É um dom muito frágil que devo fazer crescer devagarinho.

Sabemos bem que, uma relação que se fica apenas pela emoção, acaba no giro de breve tempo. De facto, quando ela diminui de intensidade, tende a desvanecer para dar lugar a uma outra emoção mais forte e a um outro hipotético amor.

O amor, por sua vez, é algo que vai mais além.

O amor é a memória daquele dom frágil e intenso que ilumina a vida toda. Através da memória dos dons recebidos, despertamos o sentido da beleza.

Podemos falar de gratuidade?

Bela a palavra gratuidade, mas para a compreender e viver é necessário aprender uma outra: gratidão! No momento em que nos sentimos gratos pelos dons recebidos, então sim, podemos fazer de nós mesmos um dom. A gratidão torna possível a gratuidade para com o outro, mesmo nos momentos difíceis.

O amor ajuda-nos a compreender aquilo que dizíamos antes, isto é, que a nossa vida se torna bela enquanto embelezamos a vida do outro. Dar-se significa pôr o nosso eu num nós maior: na matemática do casal, um mais um não são dois, mas uma unidade. É este o milagre do amor.

Uma mensagem contra a corrente, em tempos de individualismo difuso...

Deus criou-nos mais frágeis do que qualquer outro ser vivo, mas capazes de receber mais do que todos.

Fez-nos bem! Diz-nos: crio-te com uma potencialidade maravilhosa, mas não te dou de uma só vez. Crio-te num modo tal, que te surpreenderei pouco a pouco. A tua vida estará cheia de surpresas. Nestas surpresas da vida compreenderás profundamente, que foste feito para qualquer coisa de muito grande.

Deixar-te-ei vulnerável, para que tu possas reagir diante do amor, e de cada vez, reagindo, tu possas perceber algo mais sobre a grandeza a que és chamado.

E para os casais distantes da experiência da fé?

A tensão herética é qualquer coisa que Deus colocou na existência da pessoa para que pudesse ser o lugar para acolher o divino. Alguns teólogos cristãos elaboraram uma bela reflexão acerca da criação, que é descrita como o desabrochar livre da plenitude de Deus que, com um mesmo movimento, sai de Si e chama a reentrar no Seu coração.

Também o movimento do homem em relação à mulher é um modo de atrair as criaturas para a comunhão com Deus.

O facto de poder regressar ao coração de Deus precisamente através da sexualidade e do amor, responsabiliza-nos muito: pede-nos que prestemos uma inteligente atenção a este aspecto da vida de casal, para construir algo de belo.

O que é o amor que mete medo aos jovens?

Desejar a grandeza daquilo que o amor promete, é esse o temor de fundo dos jovens. O amor implica o deixar as redes da vida a quem nos ama. É uma experiência que pode cegar, mas pode também dar olhos novos. Numa relação jovem, os dois são chamados a aprender a ser um, o escultor do outro, a verificar se são feitos de um mármore adequado às recíprocas esperanças e, porque não, às possíveis zangas.

Existem momentos perfeitos num casal?

O papel do tempo é o de nos indicar que o amor está chamado a fazer crescer, até desabrochar e florir no grande abraço de Deus.

Como faremos para acolher um abraço assim tão grande?

Ele dispôs um percurso para nos prepararmos para este encontro: são os momentos belos do matrimónio. Dentro da dimensão do tempo, esses são uma chama que abre o horizonte, ilumina a estrada e conduz ao momento em que respiraremos dentro do respiro de Deus.

Entrevista a José Noriega

In Messaggero di S. Antonio, Setembro 2010, pág. 56 a 58
(Tradução livre de Fr. José Augusto OFMConv)